

PANORAMA POLÍTICO



TALES FARIA (interino) • de Brasília

Começa a guerra

• Ao contrário das expectativas, José Sarney não deve assumir a presidência da Comissão de Relações Exteriores quando deixar o comando do Senado, ano que vem. Seus aliados pretendem fazer dele presidente da Comissão de Constituição e Justiça. Motivo da mudança: é pela CCJ que vai passar o projeto de emenda constitucional autorizando a reeleição de Fernando Henrique Cardoso, depois de aprovado na Câmara.

Como presidente da CCJ, Sarney continuará sendo um interlocutor obrigatório de Fernando Henrique nas articulações para aprovar a reeleição e, portanto, continuará detendo um forte poder de pressão. Trata-se de uma estratégia que será seguida por cada um dos principais caciques do PFL e do PMDB neste período pós-eleitoral: buscar o melhor espaço no ringue da política a fim de negociar com o presidente a aprovação da emenda da reeleição.

Sarney, na CCJ; o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), como presidente do Senado; seu filho, Luís Eduardo Magalhães, como coordenador político do Governo; o líder do PMDB, Michel Temer, como presidente da Câmara; e os demais protagonistas, com um ministério aqui e outro ali na reforma ministerial. O líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho, ficaria com uma pas-

ta; o líder do PFL na Câmara, Inocêncio de Oliveira, com outra; e o atual coordenador político, Luiz Carlos Santos, seria transferido para o ministério que escolher, entre Justiça e Transportes.

Segundo a cúpula do PSDB, todos os sinais do PFL e do PMDB têm sido nesta direção: só darão mais um mandato a Fernando Henrique se tiverem garantias de que influenciarão na definição do próximo período administrativo. E só sentirão tal garantia se, desde já, ocuparem os postos que agora negociam dentro da aliança governista. O problema disso tudo é que o PSDB começa a desconfiar de que deixarão o presidente da República no canto do ringue. Fernando Henrique já disse a um desses membros da cúpula tucana que não aceitará ficar no canto do ringue. Ou seja: passado o período eleitoral, começa a verdadeira guerra em Brasília.